

# CULTURA LOCAL VERSUS CULTURA GLOBAL: O GLOCAL

## LOCAL CULTURE VERSUS GLOBAL CULTURE: THE GLOCAL

Natália Aparecida Tiezzi Martins dos Santos\*  
Edgar César Nolasco\*\*

**RESUMO:** Este artigo faz parte do projeto de pesquisa cadastrado na PROPP/UFMS “Cultura Local”, cujo plano de trabalho intitula-se “(In) Definições Culturais nas Culturas Locais de Mato Grosso do Sul”. Este trabalho objetiva explicitar a importância e os motivos que justificam a relevância de pesquisar a cultura local do estado de Mato Grosso do Sul. Para tal intento, partimos dos Estudos Culturais, cujo objetivo primeiro é desconstruir a concepção canônica de cultura. Aborda-se a relação de cultura local e cultura global a partir dos elementos constituintes tanto de nossa cultura como de outras, como o Sobá (comida típica japonesa).

**Palavras-chave:** cultura local; estudos culturais; Mato Grosso do Sul.

**ABSTRACT:** This article is a part of a research project which is cadastred in PROPP/UFMS “Local Culture” which work plan is titled “(In) Definições Culturais nas Culturas Locais de Mato Grosso do Sul”. This work intends to explain the importance and the causes that justify the relevance of researching the local culture of the State of Mato Grosso do Sul. For so, we start from Cultural Studies which the objective is to deconstruct canon culture conception. Discuss the relation of local culture and global culture that start on the elements of our culture and other culture, like soba (Japanese food).

**Keywords:** local culture; cultural studies; Mato Grosso do Sul.

**Repórter:** Se ama tanto o nosso país, como o senhor dá, por que vive na Califórnia? **Gómez-Peña:** Estou me desmexicanizando para mexicompreender-me... **Repórter:** O que o senhor se considera então? **Gómez-Peña:** Pós-mexica, pré-chicano, panlatino, transterrado, arteamericano... depende do dia da semana e do projeto em questão. (CANCLINI, 2008, p. 322-324).

---

\* Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS) e bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq, com o Plano de trabalho “(In) Definições Culturais nas Culturas Locais de Mato Grosso do Sul”, o qual faz parte do projeto “Cultura Local” e é desenvolvido sob a orientação do Professor Dr. Edgar Cezar Nolasco. E-mail: nataliatiezzi@gmail.com.

\*\* Professor Doutor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduações do DLE/CCHS/UFMS. E-mail: ecnolasco@uol.com.br.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo tratar das razões pelas quais se faz necessário pesquisar sobre a cultura local do estado de Mato Grosso do Sul. Para tal intento partimos dos Estudos Culturais cujo objetivo primeiro é desconstruir a concepção canônica de cultura e do local da cultura. Nossa reflexão aborda a relação de cultura local e cultura global a partir dos elementos constituintes tanto de nossa cultura como de outras, como o Sobá. Em nossa reflexão, atentamos para o fato de que não se pode tender ao universalismo e excluir o local, como também não se pode tender ao localismo, abstraindo deste o universal, dado que tanto um como outro existem simultaneamente num mesmo tempo e espaço. O local embora traga em seu bojo traços que o diferenciam do todo, do universal, isso não o exime de pertencer ao universal e vice-versa.

## POR UM ESTUDO DA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE

Faz-se necessário investigar algumas produções culturais produzidas no *locus* cultural limitado geograficamente pelo território do Estado de Mato Grosso do Sul, primeiro porque o mesmo faz fronteira com o Paraguai e com a Bolívia, o que, além de permitir uma intensa circulação de pessoas, também promove uma produção cultural híbrida e fronteiriça. Conforme Bhabha “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 2003, p. 19). Além disso, outro motivo é dado pela constituição histórico-etnográfica do nosso estado que, através das ondas migratórias, recebeu e continua a receber migrantes, fato este, que também estimula a produção do que Néstor García Canclini denomina por *culturas híbridas*. Nesse sentido, entendemos que embora as produções culturais sul-mato-grossenses sejam de natureza híbrida e fronteiriça, elas trazem em seu *corpus* os traços que as diferenciam como específicas desse “local cultural”. Nesse sentido, explica-nos Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Como a identidade cultural de uma região não corresponde, por si só e a priori, a práticas culturais de uma região, localizadas, a verificação e análise de tais manifestações localizadas, só podem ser compreendidas como *spectrum*, que irradiam-se por outros espaços, por outras regiões, por outras regiões culturais, fazendo da troca, da movimentação de idéias e temas a razão para o surgimento de outros processos de criação – reunindo, assim, o próprio e o alheio. (SANTOS, 2008, p. 07).

Por último, a investigação se valida, uma vez que é preciso desconstruir o conceito de cultura canônica, enfatizando-se, em contrapartida, o conceito de cultura na diferença prescrito pelos Estudos Comparados e Estudos Culturais, nos quais as culturas são lidas horizontalmente, e nesse sentido, não podem mais ser estabelecidas

relações hierárquicas e valorativas entre os diferentes grupos sociais e suas produções culturais. Até meados do século XX, as culturas eram lidas verticalmente, ou seja, como eram as classes privilegiadas economicamente que estabeleciam para o restante da organização social o que pode ou não ser considerado cultura, as demais produções culturais acabavam por serem marginalizadas ou excluídas do processo, no qual se elegia o que seria ou não tomado como sinônimo cultura, como por exemplo, a cultura africana, indígena, do sertanejo, entre outros. A título de exemplo, atente à cultura local, mencionamos a artista plástica Conceição dos Bugres, que se consagrou por talhar “bugres” em madeira. De etnia indígena e artista popular, Conceição, ao intitular suas esculturas de “bugres”, já coloca em questão o lugar subalterno do qual fala a artista. Nessa direção, vejamos o que disse Edgar Cézár Nolasco:

Sempre com conotação negativa sob a ótica vigente, o termo “bugre”, como sinônimo de índio, “figura como bode expiatório para tudo o que é tido como negativo, indesejável e condenável. Foi assim, aliás, que agiu contra os povos marginalizados, subalternos latino-americanos todo um projeto moderno aqui implantado à revelia das culturas locais. Tendo em pano de fundo esse projeto moderno da América Latina, totalmente hegemônico, visando um “desenvolvimento” econômico a todo custo e de base eminentemente imperialista, logo excludente e dualista desde sempre, entende-se melhor porque, quer seja o Brasil, a América Latina como um todo, e no Estado de Mato Grosso do Sul não foi diferente, a “confusão elaborada” entre os termos “bugres” e índios caiu feito uma luva sobre as nações: de um lado, modernas práticas econômicas e políticas da modernidade que, além de serem as melhores para todos, são também as que reforçaram o poder do Estado-Nação; de outro, teríamos aqueles que seriam os párias dessa sociedade, que trazem a insígnia de “infidelidade moral”, os fora-da-lei, “preguiçosos-vagabundos”, “deficientes-incapazes”, “violentos-vagabundos”, “sem religião”, “não cristãos”. Ou seja, esses marginalizados de Natureza, humilde de natureza, por viverem mais próximos da Natureza (veja a dualidade: dentro x fora, letrado x não-letrado, civilizado x bárbaro, campo-cidade etc), estão condenados a carregar consigo “todo tipo de desvios morais determinados pela história, refletindo ou mesmo resultando numa exclusão social, que ficará mais acentuada com o desenvolvimento do capitalismo e suas exigências”. (NOLASCO, 2009, p. 4-5).

Os Estudos Culturais e Comparados vêm justamente desconstruir essa concepção canônica de cultura e do lugar da cultura. Por essa razão, defendemos a idéia de que, ao se discutir o conceito de local tendo por base as produções culturais locais, o próprio conceito de Cultura arraigado no Estado, e de forte vezo estatal, será desconstruído e lido pelo avesso do olhar cristalizado e sedimentado na sociedade e nas representações sociais. Compreendemos também que, além da teoria dos Estudos Culturais, que nos ajudará a pensar conceitos importantes como os já menciona-

dos, o que propõem os estudos latino-americanos será indispensável principalmente para situar as produções culturais selecionadas em seu contexto geohistórico e territorial. Vale lembrar que a perspectiva dessas duas correntes, embora enfatizem a cultura local, não nega o lugar das outras culturas.

Passemos, então, a refletir sobre o que é cultura local, ou melhor, quais são os locais da Cultura, uma vez que se sabe que as culturas são em qualquer tempo e lugar heterogênicas e híbridas. Como explica Canclini (2003), o processo de transnacionalização (globalização) afeta diretamente as culturas locais trazendo a hibridização; em outros termos, significa que as novas relações sociais e econômicas impostas aos sujeitos na pós-modernidade trazem por um lado, como uma de suas consequências os processos de homogeneização cultural e por outro, relações interculturais. O crítico argumenta ainda que essa *hibridização cultural* leva a outros dois processos inerentes ao momento no qual vivemos: a desterritorialização e reterritorialização. Tais processos correspondem, respectivamente, à “perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2008, p. 309).

O primeiro processo vai de encontro à proposta do universalismo que ao se impor nega, abafa, marginaliza ou silencia as culturas locais; já o segundo vai na direção do localismo, que ao se fazer presente dá voz ao local, negando a idéia de homogeneidade, pois embora se possa dizer que a cidade é aberta e cosmopolita, ela também precisa fixar signos de identificação, rituais, encontrar traços que a diferencie dos que estão nela de passagem, como os turistas. Tal reflexão nos leva a crer que embora haja

[...] intercâmbios da simbologia tradicional com os circuitos internacionais de comunicação, com as indústrias culturais e as migrações, não desaparecem as perguntas pela identidade e pelo nacional, pela defesa da soberania, pela desigual apropriação do saber e da arte. (CANCLINI, 2008, p. 326).

Por outro lado, o estudioso Homi Bhabha contrapõe-se ao conceito de hibridismo defendido por Canclini, já que o crítico hindu-britânico aborda o conceito de hibridismo a partir de uma perspectiva pós-colonialista:

O hibridismo é o signo da produtividade do poder colonial, suas forças e fixações deslizantes; é o nome da reversão estratégica do processo de dominação pela recusa (ou seja, a produção de identidades discriminatórias que asseguram a identidade “pura” e original da autoridade). O hibridismo é a reavaliação do pressuposto da identidade colonial pela repetição de efeitos de identidade discriminatórios. Ele expõe a deformação e o deslocamento inerentes a todos os espaços de discriminação e dominação. Ele desestabiliza as demandas miméticas ou narcísicas do poder colonial, mas confere novas implicações a suas identificações em estraté-

gias de subversão que fazem o olhar do discriminado voltar-se para o olho do poder. (BHABHA, 2003, p. 162-163).

Ao tratarmos do processo de hibridização compreendido dentro do processo maior da globalização, lembramos também de Hugo Achugar (2006), que embora discuta a globalização de forma distinta da de Canclini, argumenta que

As transformações e os desafios políticos, tecnológicos sociais de nosso presente continuam, todavia, e de fato, reproduzindo as hierarquias entre as classes sociais, entre as regiões e entre os países dos diferentes mundos que coabitam no planeta. Ao mesmo tempo, não se tem podido erradicar a existência de estereótipos na representação que uns fazem dos outros. Mais ainda, essas transformações continuam reproduzindo as representações culturais e políticas sobre o outro, localize-se o outro na aldeia, no centro ou na periferia. (ACHUGAR, 2006, p. 82).

Por sua vez, Canclini afirma que embora exista um processo de homogeneização globalizante que faz aflorar diferenças e integrações, esse processo não anula a cultura local, o regional; em outras palavras, seria como dizer que “viver em uma cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato” (CANCLINI, 2008, p. 286). Esta é a ideia que pretendemos lançar sobre a cultura local de Mato Grosso do Sul. Um bom exemplo de hibridização no sentido exposto por Bhabha é o Sobá, conforme nos argumenta Rubens Costa Marques em seu artigo *Sobá: patrimônio imaterial de Campo Grande/MS*:

[...] prato típico da gastronomia campo-grandense, adaptado da culinária oriental pelos imigrantes vindos, em 1908, da província de Okinawa, arquipélago de influência chinesa, na região sul do Japão. Nessa cidade, tradicionalmente, à véspera do ano novo, as famílias se reuniam para degustar esse tradicional prato feito de macarrão de trigo sarraceno, o toshikoshi-soba. [...] O Sobá, que é uma adaptação dos produtos locais à culinária oriental (resultado do diálogo da cultura milenar com as matérias primas do meio ambiente regional), era consumido, a princípio, apenas pelos imigrantes e fora dos olhares da clientela Gaijin, isto é, dos não-orientais. Todavia o costume se difunde, e a população apropria-se da iguaria, consumindo-a cotidianamente. Tornou-se, assim, um prato típico de Campo Grande, amplamente divulgado nos restaurantes e nas dezenas de sobarias. É a principal atração da Feira Central da cidade que anualmente promove o Festival do Sobá em parceria com a Prefeitura Municipal.

Como se observa, o Sobá sofre um processo de transculturação no sentido de que foi resignificado em outro espaço e outro tempo, que já não é do ponto de vista o prato originário do Japão:

Entendemos que o vocábulo *transculturação* expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cul-

tura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura diferente – que é o que, a rigor, indica a voz anglo-americana *aculturation* –, mas que o processo implica, também, necessariamente, na perda ou desenraizamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial desculturação, e, além disso, significa a consequente criação de novos fenômenos culturais que pudessem denominar-se neoculturação [...]. (ORTIZ *apud* ACHUGAR, 2006, p. 99).

Mencionamos o Sobá para exemplificar como a hibridização altera as culturas, os modos de vida e as experiências humanas, permitindo com que esses elementos ao sofrerem tal processo sejam também, e ao mesmo tempo, desterritorializados, reterritorializados e transterritorializados. Contudo, poderíamos ter tomado como exemplos a Sopa Paraguaia, o Tereré ou a Chipa, que também são elementos vindos de outras culturas, espaços e tempos, e que sofreram o mesmo processo, uma vez que, ao serem incorporados na cultura sul-mato-grossense, uma vez que foram resignificados em outro espaço e tempo. Nesse sentido, podemos inferir que o local e o global não são instâncias antagônicas e excludentes, mas, pelo o contrário, partilhados e circulamos tanto em um como no outro concomitantemente; portanto as culturas e suas manifestações não podem ser visitadas sob essa ótica dialética em que os elementos se opõem, mas devem ser vistas a partir daquilo que Canclini denomina de *Glocal* (CANCLINI, 1995, p. 85).

O Glocal para o antropólogo envolve, nesse sentido, o campo da cultura gerando dois movimentos contrapostos. O primeiro deles é o movimento de globalização, no qual surge uma rede planetária de processos industriais, tecnológicos e culturais, entre outras características, que interpela sujeitos diferentes, em dimensões espaciais diversas, através de bens simbólicos. A oferta de tais bens se mostra homogeneizadora de hábitos de consumo à medida que ignora fronteiras geográficas, atraindo diferentes segmentos consumidores. Paralelo a esse movimento globalizador, surge o movimento de localização da cultura. Neste caso, ocorre uma retomada das tradições locais, num processo de busca por traços culturais capazes de marcar a diferença entre os povos e o pertencimento destes, a seus territórios de origem. A título de exemplo podemos mencionar as colônias japonesa, paraguaia e gaúcha existentes em nosso estado e que mesmo estando organizadas aqui, seus membros procuram retomar, reconstruir a cultura de seu lugar de origem, demarcando dessa forma uma diferença em relação aos outros povos e instituindo o sentimento de pertença. Para Canclini são as negociações entre esses dois movimentos (o de globalização e o de localização da cultura) que implicam novas identidades híbridas.

Dessa forma rompe-se com a concepção do sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, pois o momento atual requer que se rompa com antigos paradigmas. Isso, por sua vez, faz com que os sujeitos sejam compostos não de uma única, mas de várias identidades. Em outros termos, a visão dialética ou dualista de mundo não tem voz e muito menos vez numa perspectiva multicultural,

já que é inegável que os espaços “não são áreas delimitadas e homogêneas, mas espaços de interação em que as identidades e os sentimentos de pertencimento são formados com recursos materiais e simbólicos de origem local, nacional e transnacional” (CANCLINI, 1993, p. 153).

Creemos então, no que expõe Bhabha (2008), que o local da cultura está nesse espaço geo-histórico fluído e heterogêneo, o local da cultura é o entre-lugar deslizando, marginal e estranho, como o crítico argumenta:

Estar estranho ao lar [unhomed] não é estar sem-casa [homeless]; de modo análogo, não se pode classificar o “estranho” [unhomely] de forma simplista dentro da divisão familiar da vida social em esferas privada e pública. O momento estranho move-se sobre nós furtivamente, como nossa própria sombra, e, de repente, vemo-nos como a Isabel Archer de Henry James em *Portrait of a Lady* [*Retrato de uma Dama*]. Tomando a medida de nossa habitação em um estado de “terror incrível”. E é nesse ponto que, para Isabel, o mundo primeiro se contrai e depois se expande enormemente. Enquanto ela luta para sobreviver às águas insondáveis, às torrentes impetuosas, James introduz-nos ao “estranhamento” inerente àquele rito de iniciação extraterritorial e intercultural. Os recessos de espaço doméstico tornam-se os lugares das invasões mais intrincadas da história. Nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dívida quanto desnordeadora. (BHABHA, 2008, p. 30).

Em suma, não se pode mais incorrer no erro de exaustivamente reafirmar uma diferença cultural, previamente determinadora e impositiva no sentido de se ter “autoridade” para se eleger um universo particular como sinônimo de cultura, marginalizando dessa forma as outras culturas existentes, uma vez que o processo de hibridização não nos permite falar mais em diferença cultural, mas em diversidade cultural. Conforme Bhabha (2008, p. 63)

A diversidade cultural é o processo de *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a reprodução de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade.

A questão gira em torno do fato de que se admitirmos que há uma diferença cultural entre as culturas, aceitamos as representações hierárquicas que uns fazem dos outros e, conseqüentemente, elegemos a cultura de uma dada classe como sinônimo de cultura, marginalizando e silenciando, dessa forma, as demais culturas, logo nossas atitudes têm como pressuposto básico a intolerância ao estranho, ao diferente. Contudo, se admitimos a diversidade cultural, não pensamos mais em hierarquia cultural, mas o contrário, cada cultura tem seu espaço, sua voz e sua vez. O outro não é o diferente pomenorizado, mas o diferente compreendido e aceito dentro da ótica de sua própria cultura. Voltando ao exemplo do Sobá, entendemos que esse prato, da cultura do estado de Mato Grosso do Sul, não pode ser compreendido do ponto de vista cultural, partindo-se apenas da questão histórica (sua origem no Japão), mas sim se levando em consideração questões de ordem geográfico-espaciais, étnico-culturais e político-econômicas, uma vez que o prato em questão, além de patrimônio histórico-cultural da capital sul-mato-grossense, é também uma atração culinária da região.

## REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BHABHA, Homi Komi. *O local da cultura*. Trad. Miriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Rezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2008.
- MARQUES, Rubens Costa. *Sobá: patrimônio imaterial de Campo Grande/MS*. Disponível em: <<http://66.228.120.252/artigos/1714018>>. Acesso em: 22 ago. 2009.
- NOLASCO, Edgar César. Bugres *subalternus*. In: *Cadernos de Estudos Culturais: Estudos Culturais*, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 16, 2009.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local*. Campo Grande: Ed.UFMS, 2008.